

LETRAMENTO, LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA DE EMANCIPAÇÃO PARA MULHERES NA EJA.

Maria Halana Costa Oliveira

Mestranda do programa de Pós- graduação
em Humanidades (POSIH/MIH) - UNILAB

E-mail: halanao039@gmail.com

Luís Carlos Ferrira

Professor Adjunto do Curso de Pedagogia- UNILAB
Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana -UERJ/PPFH

Email: luisferreira@unilab.edu.br



Resumo

Reconhecendo a EJA como espaço de enfrentamento e resgate de valores, e considerando o parecer CNE/CEB n.º 11/2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos como uma dívida do Estado, este estudo pretende analisar o retorno das mulheres às turmas da EJA no município de Mulungu–CE. A pesquisa foca na busca pela escrita, nas práticas de letramento e na emancipação humana. Metodologicamente, adota uma perspectiva qualitativa e o método descritivo-interpretativo, com entrevistas e análise de leituras bibliográficas. Sendo uma pesquisa em desenvolvimento, o trabalho apontará os caminhos escolhidos e as possíveis hipóteses para o problema de pesquisa.

Palavras-chave: Eja. Letramento. Leitura. Escrita. Emancipação feminina.

Introdução

Sabemos que ler, escrever além de se constituir um direito necessário a todos, é também uma prática essencial ao ser humano, o que permite concordar com Silva (2020), de que essa consciência do direito à educação tem aumentado entre os jovens e adultos que por motivos e circunstâncias diversas, outrora foram excluídos do sistema escolar e hoje retornam a este espaço com novas perspectivas. Godinho, Brandão, Noronha (2017),





III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

em sua pesquisa, destacam o predomínio das mulheres em sala de aulas da EJA, e o quanto tal fato tem motivado pesquisadores a entender as especificidades de cada uma destas mulheres que optam pelo retorno à sala de aula.

Barreto (2021), ao falar sobre as razões acerca do retorno da mulher à unidade escolar, afirma que ela está pautada nas motivações de cunho familiar e pessoal. Familiar no sentido de que estas mulheres buscam aprimoramento para melhor auxiliar filhos ou netos nas atividades escolares, sentir-se preparada para dialogar com o outro, etc., e pessoal, pois para além da vontade de encontrar melhores condições de trabalho e concluir a escolarização é perceptível a vontade que estas mulheres têm de aprender a ler e a escrever, mas não somente a leitura de livros como também, conseguir realizar uma leitura de mundo.

Para tanto, é necessário inicialmente pontuarmos algumas breves concepções históricas a respeito da relação de importância que a Educação de Jovens e Adultos tem desempenhado na vida das mulheres e como as práticas de letramento, leitura e escrita têm contribuído para uma emancipação humana destas mulheres.

Posto isto, o trabalho tem por objetivo principal analisar a relação entre as práticas de letramento e escrita no retorno das mulheres nas turmas de alfabetização da EJA no município de Mulungu, no interior do Ceará, considerando as influências na formação humana e a transformação social geradas pela modalidade.

A ideia consiste em buscar evidências de que o retorno aos bancos escolares da EJA esteja associado à superação do analfabetismo pela compreensão da leitura e da escrita enquanto prática social, capaz de promover mudanças pessoais, profissionais e sociais na vida das “mulheres da EJA”.

Nesse sentido, o estudo sobre as mulheres que integram à modalidade nos mostra as razões que deram origem à interrupção no ensino regular, na infância e juventude, e as expectativas geradas pelo retorno, a partir do encontro entre as práticas de letramento e a busca pela escrita no processo de autonomia e emancipação humana.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Esta pesquisa¹ é importante, pois nos permitirá analisar a partir das falas das “mulheres da EJA”, no município de Mulungu–CE, qual a relação entre a como as práticas de letramento nas turmas de alfabetização e as contribuições que as práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula têm contribuído para a produção de novas identidades de mulheres cidadãs.

Pressupomos que a formação leitora das mulheres tanto em relação à leitura da palavra quanto à leitura crítica do mundo, à luz das ideias de Paulo Freire, tende a fortalecer ‘novas’ identidades de pessoas mais críticas, autônomas, capazes de fazer suas próprias escolhas e a dar outro sentido à vida.

Desenvolvimento

Metodologicamente, a pesquisa partirá de uma perspectiva qualitativa, utilizando-se do método descritivo-interpretativo, cuja técnica da entrevista semi-aberta será utilizada com as mulheres alfabetizandas das turmas de EJA, do município de Mulungu–CE. As entrevistas serão gravadas em áudio com a autorização das participantes que devem ser acompanhadas por meio de visitas *in loco*, em suas residências e na própria escola. Como parte das análises dos discursos e interpretações, daremos ênfase aos ditos e não ditos destas em relação às práticas de letramento em suas experiências cotidianas.

Oliveira (2021), ao falar sobre as contribuições da leitura para a formação das subjetividades do ser humano, aponta que ela “é essencial àquele que quer conhecer a si e ao mundo e afirma que este é um ato de afirmação daquilo que se é e ainda daquilo que se pretende ser.” (OLIVEIRA, 2021, p.6)

O clássico pensamento de Freire (1989), de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” colabora com esta afirmação de que, antes dominar a leitura e a escrita,

¹ O presente trabalho tem origem no projeto de pesquisa submetido ao PPG em Humanidades, do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) da Unilab.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

ou seja, ser alfabetizado(a) é preciso saber ler o mundo que está a sua volta para que se possa entender seu contexto e fazer uma ponte entre a linguagem e a realidade.

Como é sabido e apresentado por Valle (2010), o percurso sócio-histórico da Educação de Jovens e Adultos é marcado por enfrentamentos, lutas e embates políticos e pedagógicos, sobretudo na década de 60, quando houve uma expressiva reivindicação por uma educação que fosse de qualidade e para todos, principalmente, se tratando dos grupos sociais marcados por processos de exclusão do sistema de ensino.

Ao observar a relação de traços históricos datados do período colonial em relação às funções e obrigações da mulher em detrimento ao direito à educação e aos estudos como são apresentados por Godinho et al. (2017); Saffioti (2013); Ribeiro (2016) e Barreto (2021), é possível notar como afetaram e impactaram (e ainda impactam) até hoje, o inconsciente de muitas mulheres que por motivos diversos não conseguiram concluir seus estudos. Ao retornarem aos estudos, pressupomos que encontrem na EJA um meio para superar as desigualdades, as injustiças sociais e, sobretudo, exercer um direito básico à vida: ser reconhecer como cidadã a partir da leitura e da escrita.

Neste sentido, Godinho et al. (2017), nos ajuda a pensar sobre o quanto à modalidade “permite o enfrentamento desses processos de desumanização das mulheres, e sua escolarização na EJA torna-se um espaço de enfrentamento dos preconceitos contra as mulheres trabalhadoras e de sua afirmação como sujeitos de direitos.”(GODINHO et al. 2017, p.6).

Levando em consideração os referenciais mencionados, o presente trabalho parte de reflexões iniciais de uma pesquisa de mestrado ainda em processo de desenvolvimento, cujos resultados e discussões serão apresentados *a posteriori* da realização da investigação.

Por fim, celebramos que o grande número de matrículas de mulheres nas turmas da EJA no município de Mulungu-CE, explicado pela combinação de muitos fatores, assume um importante papel na busca por maior autonomia, melhoria das condições socioeconômicas, superação de lacunas educacionais anteriores e a influência de



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

contextos culturais e familiares que valorizam a educação como meio de empoderamento e inclusão social.

Considerações finais

Por esta razão, descobrir qual a relação das mulheres da EJA com a leitura e a escrita ao retornarem às salas de aula considerando a inserção delas nas práticas de letramento, processos de emancipação humana e autonomia para as ações e interações pode somar esforços na luta pelo desenvolvimento pleno, crítico e social destas mulheres, enquanto ‘sujeitas’ de direitos.

Referências

BARRETO, M. C. M. **Trajetórias de mulheres da e na EJA e seus enfrentamentos às situações de violências**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2021.

BRASIL. M. E .C. **Parecer CNE/CEB n.º 11/2000. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília, DF: MEC, 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

GODINHO, A. C. F.; BRANDÃO, N. A.; NORONHA, A. C. M. Contribuições do pensamento freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 20-37, jan./abr. 2017.

OLIVEIRA, M. H. C. **Trajetória de leitura de acadêmicos de letras - Unilab-Ce: experiências e saberes proporcionados pela leitura**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, 2021.

SILVA, A. G. R. **Ensino de Jovens (EJA) tem impacto positivo na qualidade de vida**. 2020. 66f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

VALLE, M. C. A. **A leitura literária de Mulheres da EJA**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.